

## Podcast Meio-Fio Projeto TraDUS

### Episódio: Diálogos Urbanos: A mulher e a cidade

Apresentação: Hector Sousa

Convidadas: Daniela de Cássia  
Gabriela Gaia

#### [VINHETA]

**[Hector Sousa]:** Bem-vinda e bem-vindo ao podcast meio-fio, seu podcast sobre desenvolvimento urbano sustentável. Esse podcast faz parte do projeto TraDUS, uma iniciativa para promover ações de educação urbana da universidade federal rural do semiárido, a UFERSA. Em parceria com o Ministério do Desenvolvimento Regional, o MDR, por meio da coordenação geral de apoio à gestão regional e urbana, a CGDRU.

Hoje vamos abrir uma nova série aqui no Meio-fio, o Diálogos Urbanos, em que vamos trazer convidadas e convidados para conversar sobre assuntos que impactam a vida das pessoas no meio urbano. Para abrir essa série e aproveitando o dia 8 de março, o dia internacional da mulher, vamos falar sobre a mulher e a cidade. Para falar sobre esse assunto, eu, Hector Sousa, conversei com Daniella de Cássia, ex-prefeita por dois mandatos na cidade de Monteiro Lobato, diretora da Confederação Nacional dos Municípios, a CNM, e é integrante ativa do Movimento Mulher Municipalista. Bem-vinda e obrigado por sentar nesse Meio-Fio, Daniela.

**[Daniela de Cássia]:** Tô muito feliz, Hector. Eu que agradeço o convite. Então durante a nossa conversa, nosso bate-papo aqui, eu tenho certeza que a gente vai, vai tentar influenciar a maior parte dos ouvintes, mas em especial as ouvintes, né? Com o trabalho que a gente desenvolveu, continua desenvolvendo aí para as políticas públicas sociais.

**[Hector Sousa]:** E também conversei com a Gabriela Leandro Pereira, ou como também é conhecida, Gabriela Gaia, Professora e pesquisadora na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia e atualmente, encontra-se realizando estágio pós-doutoral no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo. Bem-vinda e obrigado por chegar nesse Meio-Fio, Gabriela.

**[Gabriela Gaia]:** Obrigada. Eu que agradeço, Hector, por esse convite pra essa troca de hoje.

## [VINHETA]

**[Hector Sousa]:** O dia 8 de março é o dia internacional da mulher, que foi firmado devido a protestos de mulheres que exigiam qualidades de vida e trabalho melhores. É um dia de luta, de reflexão para avançar nas pautas por melhores direitos e políticas estruturadas.

Quando falamos em Direito à Cidade estamos falando sobre melhores condições de vida, sobre melhorar os ambientes coletivos onde vivemos, sobre todas as pessoas terem acesso aos benefícios produzidos na cidade como moradia, transporte público, escolas, hospitais etc. É o direito de participar da construção e da vivência das cidades, pensando tanto em gerações presentes, como nas gerações futuras.

Muito se caminhou desde os protestos do início do século passado que instituiu a data de 8 de março, mas as situações ainda são bastante desiguais nas cidades brasileiras.

**[Gabriela Gaia]:** Pensar numa cidade mais democrática, mais igualitária do ponto de vista de gênero, eu acho que tem desafios enormes assim, né? Porque eu acho que a gente tem uma sociedade extremamente construída a partir de bases patriarcais. Além de coloniais. e tudo que é colonialidade traz junto, né? Racistas, patriarcais... e também um direcionamento, acho que pensando até a cidade com esse horizonte também desenvolvimentista que se constituiu acho que ao longo do século vinte, né? Onde a gente tem uma relação entre esses espaços habitados, espaço da cidade e as dinâmicas cotidianas também muito questionáveis em termos da eficácia desse projeto de cidade né? Moderna e desenvolvida. E se a gente pensa o lugar que as mulheres ocupam nessa história, como é que a cidade foi pensada, não necessariamente pra ter essa cidade democrática para todos, todas e todes, mas uma cidade para funcionar de acordo com uma lógica de desenvolvimento. Se a gente pensa o lugar que as mulheres ocuparam, né? Nessa história também, a gente vê que tem lugares e posições muito distintas, né? Se a gente pensa também a questão de gênero a partir de perspectivas interseccionais, considerando as questões de raça e o nosso histórico escravista, a gente vai ter história colonial nas quais as nossas cidades se estruturam né? A partir da presença de mulheres negras em condições de trabalho forçado, mas também se virando né? Então desde o século dezenove a gente pensa por exemplo né? Como é que as trabalhadoras de ganho que eram mulheres que vendiam e comercializavam na cidade já estavam entre a casa

grande e a rua, e negociando na na rua, né? A possibilidade do sustento. Ao mesmo tempo, como é que a gente tem as mulheres nesse período ainda colonial ou mesmo século dezenove, as mulheres brancas também ainda inseridas muito mais no espaço doméstico, que no século vinte a gente vai ver essa presença dessas mulheres também no mercado de trabalho, né? Mas de alguma forma quem está estruturando um pensamento sobre a cidade, e nesses diferentes lugares que se ocupam. E também diferentes lógicas, né? Que são constituídas pra pensar como essa cidade funciona. Uma perspectiva muito dominada por uma presença de homens grandes pensadores de desenvolvimento da cidade. Então a gente tem lugares muito diferentes assim que as mulheres, brancas, negras, né? De classes diferentes, ocupam né? Nessa nossa história das cidades, um projeto de cidade de desenvolvimento da cidade mas em geral também muito atravessada por essa desigualdade de gênero. E aí eu acho que a gente vê no século vinte essas questões colocadas em pauta, porque é na cidade que as mulheres estão fazendo seus corres cotidianos, né? Então é uma cidade que é pensada a partir de perspectiva de gênero, por exemplo, é uma cidade que leva em consideração os deslocamentos né, a gente tem pesquisa falam como as mulheres fazem muito mais pequenos deslocamentos cotidianos na cidade. Então, por exemplo, elas são elas que levam o filho pra escola, vão na padaria, vão na farmácia, vão no médico, vão no trabalho, se pega o filho da casa de alguém, volta e tal, encontra o deslocamento por exemplo dos homens é muito mais casa, trabalho, trabalho, casa, né? Então como é que a gente então uma cidade que funciona a parte de uma lógica, por exemplo, né? Centro-Periferia, pensando nessa lógica do trabalho, mas na lógica das mulheres essa cidade é muito mais, né? Cheia de outras conexões que não se resolve nesses funcionamento da cidade a partir desse deslocamento casa-trabalho. Então se a gente pensa uma cidade orientada do ponto de vista da mobilidade a partir da perspectiva de gênero, é uma outra cidade que se desenha, são outras conexões que se estruturam a partir de diferentes modais. Que é isso também, as mulheres também se utilizam mais de variados modos né de deslocamento é a pé, de ônibus, é de carro, é de carona e tal, enquanto a gente então o que que seria pensar uma cidade pra isso? Né? Assim que atenda isso? Tem que pensar uma cidade era do ponto de vista também, não só dos equipamentos urbanos, mobiliário, urbano, mas desenhos e rotas mais seguras, né? Pras mulheres. Mas também a gente pensa num país que nem o Brasil, com desigualdades econômicas muito radicais, né? Então a gente tem questões ainda muito antes, não tirando esse lugar da importância de pensar espaços públicos voltados para as mulheres, mas a gente tem questões ainda mais graves, né? Assim, de um empobrecimento também das mulheres, né? Então se a gente olha, né? Pros territórios, periferias, enfim, majoritariamente a gente vai ter mulheres chefes de família, né? Arcando com o sustento, não só da sua família imediata,

mas dessa família largada que envolve, né? Filho, sobrinho, primo, mãe, tio, tia. E condições muito difíceis de construção de vida nesses territórios também.

**[Daniela de Cássia]:** Nós somos a maioria, se você pegar o censo do IBGE aí no estudo de qualquer cidade, a gente é a grande maioria. Mas eu acho que é um desafio grande, mas eu acredito muito que a partir de movimentos e programas e dando voz pra nós mulheres, como você está fazendo com esse projeto, é que a gente vai aos poucos mudando esse problema. Não acho que é algo que vai mudar da noite pro dia, ou que vai vir alguém, algum político e vai mudar tudo isso. Não é isso. Eu acho que é um trabalho de formiguinha mesmo, no dia a dia. A gente não pode, é incansável, a gente não pode deixar de falar, de debater, de dar esses espaços, deixar as mulheres contarem suas histórias independente de que ambiente elas estejam, né? Porque eu acredito muito que a partir das nossas histórias e as mulheres vendo que a gente é igual, que nós somos iguais né? Mesmo eu sendo prefeita de uma cidade, eu tinha todos os afazeres domésticos, cuidava de uma tia idosa acamada, tem casamento, tem uma série de questões e que gente tem tripla jornada e nem sempre a gente é entendida, não é remunerada por isso. Tem estudo até, que o Instituto Alziras fez em parceria com a Confederação Nacional de Municípios, com algumas federações aí de municípios que ficou comprovado que a maioria das mulheres tem inclusive ensino superior, as prefeitas no nesse caso, né? Mais que formação dos seus homens, mas mesmo assim a gente sofre um preconceito ou algum tipo de assédio se a gente for muito feminina, ou se a gente é mais dura também, a gente não tá sendo autêntica, ou como que eu que eu diria? Mais segura, né? A mulher quando ela é segura e ela tem firmeza na fala, eu já ouvi muito isso, os homens falando assim ó, “subiu na cabeça dela, né?” Então porque assim, o homem quando ele faz, se posiciona, nossa, o cara é um executivo. E a mulher não, quando ela é mais empoderada, ela é confundida com a mulher que quer o espaço do homem também, nem sempre é isso, né? Então acho que é um tema bastante complexo, mesmo com toda essa mudança e os avanços né? De tecnologia e de tudo que a gente vem vivenciando, a gente não sabe nem amanhã qual será quais serão as profissões, o que que vai acontecer, com pandemia e com tudo isso, com toda essa mudança. Infelizmente ainda não avançamos nessa questão do gênero.

**[Hector Sousa]:** Nessa relação da mulher com a cidade, estudos apontam que as mulheres são as que mais usam a cidade. Como já foi comentado pelas convidadas, geralmente é delegado às mulheres a responsabilidade dos cuidados e tarefas domésticas, resultando em múltiplas jornadas diárias de trabalho. Além de irem trabalhar,

normalmente as mulheres ainda são as principais responsáveis pelos cuidados gerais com a família, como atendimento médico, o ir e vir para a escola, dentre tantas outras atividades. Em contrapartida, as mulheres também são as maiores vítimas da cidade, pensando que são elas que sofrem com casos de assédio e violência.

**[Gabriela Gaia]:** Acho que tem dois pontos aí da sua fala que são bem interessantes, mesmo. Um, eu acho que é esse trabalho do cuidado, né? Eu acho que as mulheres são responsáveis majoritariamente por esse trabalho de cuidado, tanto não assalariado, né? O cuidado com a casa, cuidado dos filhos, dos mais velhos, da própria família, então esse trabalho que é um trabalho sem remuneração e ao mesmo tempo elas também são a maioria nos trabalhos de cuidado remunerados, né? Cuidadoras, babás, trabalhadoras domésticas. E isso é um dado extremamente importante pra gente pensar esses diferentes lugares que as mulheres ocupam, e as diferentes mulheres que estão ocupando lugares diferentes lá na sociedade. Tem uma pesquisadora estadunidense de estudos afro-americanos chamada Saidiya Hartman, que atenta a isso que eu acho muito bacana, chama em português que seria Barriga do Mundo. E ela vai falar por exemplo como que os movimentos dos Estados Unidos, né? Do pelos direitos civis e do início, e também do início do século vinte assim já nesse pós emancipação, teria majoritariamente homens liderando, homens a frente, e como é que é meio constrangedora eh identificar que as mulheres continuam nas casas brancas, né? As mulheres negras, trabalhando como empregados domésticos, como trabalhadoras desses lares brancos. Mas ao mesmo tempo ela tem uma defesa que eu acho muito importante, que elas são as que viabilizaram condições materiais para aqueles que nunca foram feitos para sobreviver, né? Os homens negros, né? Nesse pós emancipação. Pudessem sobreviver e lutar pelos direitos, né? Então, embora elas não apareçam majoritariamente numa cena revolucionária, nesses lugares né, disputando ali na linha de frente, nas revoltas, nos protestos, na articulação política assim das mudanças pelos direitos civis, foram elas que esses que estavam à frente. Eu acho que a gente pensa isso também muda muito a perspectiva, eu acho, desse lugar de alguma forma confinado que o ar ou o trabalho doméstico a princípio também pode parecer, né? Assim distante desses lugares né? De luta e de politização no sentido mais estreito, né? Assim, de construir uma situação militante mais estruturada, mas eu acho fundamental pensá-las nesse lugar, né? Que são as que continuam até hoje sustentando aqueles que não foram feitos pra sobreviver dentro dessa nossa lógica racista que permeia as nossas cidades. Que aí é quando você tocou num outro ponto importante, que esses deslocamentos são muito duros, né? Duros pela distância, duros pela precariedade do acesso aos transportes públicos de qualidade, duros porque essas áreas são também precarizadas em termos de infraestrutura, de

segurança, e num país onde a gente tem uma desigualdade econômica extremamente grande, né? E social. O que gera um estado constante de tensão na nossa sociedade. Então não dá pra pensar que essa nossa sociedade tão desigual, fosse uma cidade sem conflitos. E os conflitos se estabelecem sobretudo nos lugares onde essa desigualdade é mais marcante, né? Então esses trajetos todos, sabe-se que a violência de gênero está presente em todos os lugares enquanto possibilidade, das áreas centrais, do espaço público estruturados. Mas como a gente tem um acúmulo e uma também violência interligada, que vai se complexificando nos territórios mais periféricos. Né? Desde falta de infraestrutura e de urbanização adequada, falta de equipamentos públicos que dê conta das demandas dos moradores, dos territórios mais periféricos, uma relação com a segurança pública muito tensa em relação também a outros tipos de controle do território, que passa também por uma insuficiência e uma distribuição desigual, né? Das benfeitorias e dos acessos, dos equipamentos públicos distribuídos na cidade. Então se a gente pega os mapas por exemplo, né? Onde é que são os equipamentos culturais? Onde é que estão? Não vão periferia majoritariamente na periferia assim, né? No centro ou nos espaços mais privilegiados são aqueles, privilegiados em termos de renda, sobre tudo, são aqueles que também são mais dotados, né? De equipamentos, infraestruturas, e também de cuidado, né? Dos seus espaços públicos, né? Então, quando a gente vai somando tudo isso, esse deslocamento que as mulheres fazem nesse cotidiano de cuidados familiares, cuidados remunerados e as distâncias que percorrem e as condições desses deslocamentos, que muitas vezes, como eu falei no início, são vários modais como afeta não sei aonde, no ponto de ônibus, cinco horas da manhã que ainda nem está amanhecendo direito, que vai estar deserto e que é uma ameaça né? A integridade física sobretudo dessas mulheres. Que eu acho que é um dado também diferente dos homens, tem uma outra pesquisa que mostra os homens têm medo no status público e serem assaltados, de terem seus bens materiais apreendidos, né, roubou de carteiras, celular. Os homens também, mas as mulheres, o principal medo além do, né? Dos bens materiais, é a integridade física, né? É a violência sexual assim, então a gente tem uma série de outras fragilidades que são heranças dessa nossa sociedade também patriarcal e dos diferentes lugares que ocupamos a partir do marcador de gênero e sexualidade, porque se a gente pega também, por exemplo, dados como feminicídio, mas também a transfobia e a quantidade, por exemplo, né? A perspectiva de vida de pessoas mulheres, sobretudo trans, como isso ainda tipo torna esses dados ainda mais assustadores como a cidade né? Como o espaço público da cidade pode ser um espaço constantemente de ameaça à vida, né? A integridade da vida mesmo, né? Dessas pessoas que carregam de alguma forma, algum marcador ali de diferença, ou que não seja algum homem branco, hetero, cis, classe média alta, né? E que tem todas as passabilidades aí para transitar, apesar da violência, apesar da precarização do espaço público, apesar disso tudo, tem ali o seu lugar

de possibilidade, de vivenciar essa cidade com menos medo, e com menos ameaça e, comprovadamente, com menos risco à sua integridade.

**[Hector Sousa]:** Um caminho importante para a mudança das situações das mulheres no meio urbano, é através da gestão pública. Gestores e gestoras precisam pensar e adotar políticas públicas para trazer uma igualdade de gênero mais visível e eficiente nas cidades, para assim, as mulheres poderem andar seguras e confortáveis.

**[Daniela de Cássia]:** Super importante essa abordagem. E aí aqui eu vou contar três historinhas pra resumir como a gente trabalhou em Monteiro Lobato, né? Interior de São Paulo, a cidade na qual eu fui prefeita, uma pequena cidade de quatro mil e quinhentos habitantes, muito linda, por sinal, e com uma cultura muito forte, a cultura do escritor mesmo, mas de uma certa forma não difere da maioria das cidades com menos de cinquenta mil habitante no Brasil, né? Recursos, famílias, mais de sessenta por cento das famílias com renda abaixo de dois salários, muita gente vivendo com menos de cinquenta reais por mês. Então assim, uma realidade bem dura mesmo, né? E a mulher independente de qualquer coisa, ela tem todos esses afazeres e ainda não é reconhecida com os afazeres domésticos, né? Porque numa sociedade como a nossa, não passa mais que a obrigação. A mulher gerar o filho, ter todos os problemas, o pai é o provedor e quando tem o pai, né? Porque a gente também hoje o conceito de família mudou muito. Então, uma coisa que a gente percebia muito lá, é que a maioria das mulheres vítimas de violência doméstica, até porque fizemos várias pesquisas pra entender os problema sociais da cidade, as mulheres acabavam suportando né? E não denunciando o seu companheiro, então uma preocupação que a gente tinha era de cuidar da mulher no sentido de empoderamento mesmo, mas também trazer algo que pudesse fazer com que ela dentro de casa do que não tinha condições de ter ninguém pra cuidar dos filhos e tudo, pudessem melhorar a renda familiar, porque essas mulheres se permitam continuar sendo a vítima, né? Dessas violências, porque dependiam completamente do marido, da renda, porque são vários filhos, porque quanto mais baixa a classe social maior o número de de filhos também. Então a gente começou a perceber que se a gente empoderasse essas mulheres, se elas aprendessem a fazer algum ofício, pudesse trabalhar de casa e sentir-se mais autonomia, e principalmente financeira, ela talvez tivesse um comportamento diferente. E a gente viu vários casos de sucesso nesse sentido, né? Da mulher se empoderar, e claro, tem todo um trabalho intersetorial envolvido nesse contexto. Mas todos os programas que a gente lançava lá eram de empreendedorismo, era de formação, curso de panificação, de chocolate, de panetone, de tudo que você

imagina. Então essas mulheres, elas começaram a produzir e vender, é uma cidade turística, então tinha, eh... o comércio local acabava aderindo e comprando esses produtos, que era feito um trabalho forte no turismo nesse sentido, então a gente começou a ver as mulheres se empoderando mais, né? E então um dos fatores eram esse, que a gente lutou muito para que os programas sociais fossem todos, não só aquelas coisas pra manter as pessoas ocupadas ou porque têm recebe Bolsa Família ou recebe o Renda Cidadã, tem que tá atrelado porque isso é política pública, alguma atividade, mas não, a gente acompanhava mesmo essas mulheres para que elas pudessem sair dessa zona aí de vulnerabilidade. Um outro programa que a gente tinha era habitacional e a gente conseguiu com que junto com o CDHU, né? Um programa do estado de São Paulo, que todas as casas fossem colocadas, nas escrituras, no nome das mulheres, porque seria uma outra segurança se por um acaso tivesse algum tipo de abuso. Por que em Monteiro Lobato, infelizmente, tem muita mulher vítima de violência, mas o número de crianças e adolescentes são três vezes maiores. Então assim é gritante. E às vezes, a mãe por também ser extremamente dependente, porque senão não tem onde morar, não tem onde ir com os filhos, né? Então foi um passo muito grande que a gente deu quando a gente conseguiu colocar as casas, né? Que a gente entregou no nome das mulheres. E aí o empoderamento assim era visível, né? As mulheres se arrumando, olha, quando você investe em ser humano, mas eu vou falar especificamente em mulheres, é incrível assim a diferença de um dia pro outro, de uma semana pra outra. Então assim, se tem um conselho que eu pudesse dar pra todos os gestores deste país é: invistam em pessoas, né? E aí um outro aspecto, até por conta dessa questão da violência que é muito forte lá, principalmente de crianças, né? Mulheres e meninos, mas também de mulheres, a gente era uma cidade muito pequena, não tem delegado. Então era um delegado da cidade vizinha, São José dos Campos, uma cidade de grande porte, que vinha uma vez a cada quinze dias para assinar documentos. E eu lutei muito para que a gente tivesse uma delegada. E aí depois de, no segundo mandato, depois de quatro anos insistindo com o seccional, né? Na época ele foi, ele entendeu a nossa demanda e aí nós tivemos até o final do meu mandato, mesmo na troca de uma pra outra, foram duas delegadas. Então foi muito legal o trabalho que a gente fez, porque as crianças não eram expostas, né? O trabalho do conselho tutelar mudou muito, né? A gente fez um um trabalho muito forte nesse sentido. E as mulheres, eu acredito que a política brasileira ou qualquer outra área de atuação precisem tanto de homem quanto de mulheres, mas o olhar das mulheres é diferenciado, né? Então, um olhar de acolhida, até mesmo porque ser mãe eu acho que nos traz isso, né? Mais doçura, mais humanidade e então eu esses três programas que a gente desenvolveu pra empoderamento das mulheres de baixa renda da nossa cidade.



**[Gabriela Gaia]:** Acho que são duas coisas assim, uma é pensar o que é que mulheres eleitas pode gerar em termos de políticas, e também a outra é o que significa ser uma mulher parlamentar nessas estruturas, também, de poder extremamente machistas e patriarcais, né? Então pensando, assim, atuações importantes de algumas deputadas e vereadoras de estarem ocupando essas cadeiras, né? Não só se conformando com o que esses espaços a princípio demandam delas, mas inclusive trazendo questões desconfortáveis, a sua própria presença pode gerar para, enfim, esses homens que estão ocupadas a ocupar, né? Então por exemplo, ser mãe de um bebê, ser uma parlamentar e amamentar, tipo, obviamente esse espaços não estão preparados pra receber uma mãe que pudesse condições, né? Então quando as deputadas e vereadoras, enfim, entram nesses espaços, né? E rompem isso e levam suas crianças trazem as questões que estão aí nos bastidores a princípio, né? Domésticos como algo, tudo que viabilizam interdita essa presença delas nesse espaço, acho que isso é fundamental pra gente também começar a perceber como é que esses espaços são constituídos pra constranger a presença de mulheres mesmo, né? A menos que elas se conforme em assumir todas as prerrogativas ali de comportamento de modo de estar ali dentro que foi construído estruturalmente. Então acho que as mulheres estão tensionando e sobretudo mulheres pretas, não só, mas eu acho que mulheres pretas trazem essas pautas de uma forma eu acho mais vigor, não apenas. acho que também os mandatos coletivos, né? Eu acho que tem feito também. Eu acho que é uma outra movimentação nesses espaços que não eram comumente presentes. E aí bom, então estando lá o que que significa, né? Assim, a cidade sendo pautada por elas, né? Eu acho que a gente tem eu acho que questões bem estruturantes, pensando por exemplo o lugar das políticas habitacionais, a gente tá falando de mobilidade. E eu que outra coisa que a presença das mulheres pode, com esse olhar crítico de quem está atravessado cotidianamente de formas das mais diferentes violências todo dia tentam estar nessa cidade, acho que traz uma compreensão também, por exemplo, da impossibilidade de pensar essas pastas ou temas desarticulados que a política habitacional, por exemplo, tem como ser pensado em termos de melhor condições de vida e desarticular de uma política de mobilidade urbana, né? Que a gente estava falando agora. Então por exemplo, se a gente pensa as duas coisas separadamente, se programas habitacionais dos últimos das últimas gestões, né? Minha Casa Minha Vida, por exemplo, né? Tem que generalizar também em todas as situações e experiências, mas pensando, por exemplo, né? A construção de habitação social nas áreas mais distantes do centro, né? Que a gente sabe que são terrenos menos valorizados, então as empreiteiras e construtora estão ali construindo, lucram muito mais do que se estivessem nas áreas centrais onde a serra urbana é muito mais cara. Resolve um problema né é econômico pra empresa, pra construtora e cria um problema extremamente mais complexo pros moradores e moradoras, e sobretudo moradoras, né? que vão morar ainda mais distantes,

em lugares desassistidos de uma série de equipamentos e serviços públicos que são importantes pra ela no cotidiano, e continuam trabalhando longe ou então tem que reinventar formas de trabalho, em geral precarizado porque a habitação foi construída de uma forma, enquanto política, desarticulada da de mobilidade, né? Ou de saúde, né? Ou de educação. Por exemplo, a gente não tem creches noturnas, né? Enquanto uma política pública. E o que faz com que as mulheres que trabalham um, dois, três turnos para ter que resolver a vida, que são mães ou que são ou que possuem crianças ali nos seus cuidados, tenham que delegar de formas informais, ou com arranjos que dependem muito dessa rede, eu acho assim, de acesso e de suporte que as mulheres também acabam construindo e acabam construindo. Não colocando isso como algo ruim, que eu acho que é a experiência de construção de redes de apoio entre mulheres, por exemplo, pensando em como o feminismo comunitário tem trabalhado isso também é uma experiência extremamente importante, que poderia alimentar a políticas públicas por exemplo. Como é que a gente pensa articuladamente, né? Um conjunto de ações, políticas, sistemas, que já existem e que acontecem nos territórios. Mas só que desinvestido de investimento público, então desinvestido ou fora da política pública, né? Então a gente pensa, quantas escolas comunitárias que existem. A quantidade de arranjos, né? Desses de cuidados de na vizinhança, né? Os quintais como esses lugares que são lugares nas casas das periferias, e não só, mas sobretudo que acolhem tipo gerações, mãe, tio, avô, filho, constrói em cima. Então tem um modo eu acho de funcionar no cotidiano, em detrimento da escassez de investimento, da escassez de políticas urbanas, e eu acho que é um aprendizado, né? Pra pensar a política urbana também. Não no sentido de onerar mais ainda, né? É o trabalho das mulheres, mas eu acho que existe aí um aprendizado de como lidar com tudo isso articuladamente no cotidiano, que as mulheres acumulam a gerações, as superfícies de como sobreviver e sustentar os seus de forma precária, muitas vezes, mas que viabiliza a vida, né? Novamente voltar pro texto de Saidiya Hartman e como é que elas viabilizaram a vida daqueles que foram negligenciados pelo estado. Então eu acho que pensar a partir, e formada por essas experiências dessas mulheres nas cidades e pensar como isso pode alimentar a políticas públicas? Eu acho extremamente potente. Mas agora, como é que a gente disputa isso, né? Em espaços extremamente, ainda, majoritariamente, ocupados por parlamentares, vereadores, deputados, enfim, homens. E como é que a gente repensa também uma ideia de desenvolvimento, de progresso, né? Em que obviamente já testado que não funciona, mas como é que mudar essa lógica também significa mudar as hierarquias, né? Mudar os privilégios, né? Mudar enfim o lugar daqueles que historicamente conseguiram se manter, né? Enfim, no lugar de distinção em detrimento do resto da maioria da população brasileira, né? Então, também quem é que... voluntariamente ninguém vai se retirar desses lugares, né? Acho que tem esse movimento que é assegurar, né? Esses

lugares de distinção, seja econômica, seja político, seja da intelectualidade, quem tá pensando a cidade, né? Como é que os temas, mesmo dentro da academia, como é que os temas de gêneros chegam nos estudos urbanos, né? E como é que muitas vezes eles são desencorajados, né? Como se fossem questões específicas, a parte, não como se isso não estruturasse as relações na nossa sociedade. As nossas cidades estão estruturadas a partir das relações de poder, que inclui relações de gênero, inclui relações de classe, inclui relações raciais. Eu acho que a gente está num momento de que essas coisas estão de alguma forma sendo movimentadas, não que seja agora, né? Eu acho que a gente tem um caminho que os movimentos feministas, os movimentos negros têm construído ao longo do tempo, né? E como é que agora a gente consegue fazer confluir essas pautas identitárias tão atacadas ultimamente, mas como é que a gente consegue trazê-las não nesse lugar eu acho, né? Identitário como se fosse algo, né? Tematicamente restrito a um grupo, mas como é que a gente entende que essas dimensões estruturam nossa cidade cotidianamente e há muito tempo, né? Então eu acho que temos esses desafios aí pra pensar os nossos campos e as políticas urbanas.

#### [VINHETA]

**[Hector Sousa]:** Quero agradecer imensamente a Daniela de Cássia e a Gabriela Gaia por aceitarem o convite e bater um papo comigo para a construção desse episódio. Espero que, você ouvinte, tenha gostado desse episódio e refletido tanto quanto eu com as falas dessas mulheres.

**[Daniela de Cássia]:** Eu que agradeço, né? Pra mim é sempre uma alegria muito grande poder falar, né? Geralmente eu sou convidada pra falar dos projetos, projeto premiado a nível nacional e internacional mas eu confesso que nessa fase que eu estou, um bate-papo como esse, contigo, faz mais sentido pra mim hoje, né? Fazer parte, como a gente conversava antes de entrar no podcast, de uma construção de uma carta para cidades brasileiras para cidades inteligentes, como eu tive a honra de fazer parte, de poder contribuir com alguma coisa que seja com planejamento nacional ou ou na cidade de tudo isso é muito importante. Mas se eu puder deixar uma mensagem assim é a questão da consciência mesmo, né? Pra gente saber, porque eu estou aqui, né? Qual é o meu papel? Porque se a gente não tiver isso em mente, se a nossa vida não tiver sentido. Pra mim, só tem sentido a partir do momento que a minha vida contribui para a sociedade, né? Eu sou assim, você é assim, a gente é conectado com uma rede, um ecossistema que é assim, eu tenho certeza, porque você está onde você está, falando o

que está falando. Mas tem muitos de nós por aí, e a gente tem que contaminar os que ainda não foram contaminados. Eu acho que essa corrente e essa consciência que vai mudar, não só o Brasil, mas como o planeta, né? A gente realmente seja a mudança que a gente quer ver no mundo, mas não só quando me interessa, né? Quanto é pra mim, mas é pensar no coletivo mesmo, é pensar em fazer algo pros outros. Então, eu acho que é isso, eu só tenho que agradecer mesmo pela oportunidade e tamo junto.

**[Gabriela Gaia]:** Eu queria agradecer pelo convite pra participar dessa conversa. Eu acho que março é um mês muito importante onde esse debate aparece, né? Na pauta de vários espaços. Eu acho que é um grande desafio como a gente supera isso pra além de março. Né? Então eu comentei como é que a gente supera essas questões de gênero e raça, para além de debate específico e próprio de um grupo, e como é que a gente começa trazer esse debate como um debate que estrutura as nossas cidades, né? Da política urbana às políticas fundiárias, né? Como é que a gente traz isso para um debate articulado entre habitação e mobilidade? Como é que a gente faz um debate em repensar a lógica também dos espaços de cuidado, também fomentados pela política pública. Então como é que a gente rever uma série de políticas que são importantes e são conquistas, eu acho que, também queria deixar isso claro, eu acho que a gente tem aí uma construção em direção a uma cidade mais democrática, isso foi conquista também dos movimentos sociais, dos militantes da reforma urbana, projeto de construção, né? Como por exemplo, um ministério das cidades que foi pensado nessa direção de construir políticas urbanas articuladas, né? Enfim, diferentes temáticas da falta urbana e visando dessa cidade mais democrática. E eu acho que pensar confluências desses debates extremamente importantes porque a gente, enfim, a cidade é atravessada pelas relações de poderes extremamente complexos e pensá-las enquanto soluções mais democráticas pras mulheres, pensar numa cidade mais democrática mais democrática pras mulheres, mas também não se furtar de pensar todas essas relações conectadas, né? Então, espero que possamos fazer isso ao longo do ano e não apenas no mês de março, e eu acho que temos aí um caminho pela frente.

## **[VINHETA]**

**[Hector Sousa]:** Esse podcast foi apresentado, produzido e editado por Hector Sousa. O roteiro é uma construção coletiva.

A Heloísa Diniz é a Coordenadora deste e de outros trabalhos de comunicação em mídias sociais do Projeto TraDUS. Lauren Cavalheiro da Costa é a Coordenadora Técnica e o Almir

Mariano é o Coordenador Acadêmico do Projeto. Ela e ele são responsáveis por todas as nossas frentes de trabalho. Contamos também com o apoio valioso de alunas e alunos bolsistas para a pesquisa de conteúdos. Visitando nosso site você pode conhecer tudo o que fazemos e quem são as pessoas que trabalham no Projeto. O endereço é [projetotradus.org.br](http://projetotradus.org.br). Lembrando que é tradus com s de sustentável.

Nossas parceiras no Ministério do Desenvolvimento Regional são a Ana Paula Bruno, a Denise Schuler, a Fernanda Capdeville e a Raquel Furtado. Elas trabalham na Coordenação-Geral de Apoio à Gestão Regional e Urbana, que é coordenada pela Laís Araújo.

*meio-fio*  
podcast